



SANTANA, Luana. *Memorial de Rondon* (1995), de Stella Leonardos: um estudo. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-17. ISSN 2527-080-X.

MEMORIAL DE RONDON (1995), DE STELLA LEONARDOS: UM ESTUDO

MEMORIAL OF RONDON (1995) DE STELLA LEONARDOS: UNE ÉTUDE

Luana Santana¹
(UFS/CIMEEP/CNPq)

RESUMO: Estudo da obra *Memorial de Rondon* (1995), de Stella Leonardos, com foco nos aspectos épicos, que permitem inseri-la no percurso épico da Literatura Brasileira. Além de aspectos estruturais da obra, também serão comentados os referentes históricos necessários à compreensão do modo como a poeta desenvolve a matéria épica do poema. Por fim, será dado realce à presença da invocação épica, objeto de nossa pesquisa de Iniciação Científica.

Palavras-chave: *Memorial de Rondon*; Epopeia brasileira; Stella Leonardos.

RÉSUMÉ: Une étude de l'œuvre *Memorial de Rondon* (1995), (1995), mettant l'accent sur les aspects épiques, qui permettent de l'insérer dans l'itinéraire épique de la littérature brésilienne. En plus de les aspects structurels de l'œuvre, les références historiques nécessaires pour comprendre comment la poète développe le sujet épique du poème seront également abordées. Enfin, la présence de l'invocation épique, objet de notre recherche d'initiation scientifique, sera mise en évidence.

Mots-clés: *Memorial de Rondon*; Épopée brésilienne; Stella Leonardos.

Introdução

Poeta, tradutora, professora, romancista, ensaísta literária e autora de inúmeras peças teatrais, Stella Leonardos da Silva Lima Cabeça nasceu no Rio de Janeiro no dia 1º de agosto de 1923. Formada em Letras Neolatinas, publicou, em 1941, seu primeiro livro de poesia, *Passos na Areia*, que

¹ Pesquisadora PIBIC/CNPq da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana.

inaugurou uma extensa e premiada obra literária que oscila entre textos poéticos, traduções de obras, produção de literatura infantil e crítica literária. Dentre a variedade de gêneros cultivados pela autora, merecem destaque os poemas longos, como os romanceiros, as rapsódias e os cancioneiros, que apresentam duas facetas muito interessantes que caracterizam o estilo da autora: a épica e a neotrovadoresca.

Nesta análise, centraremos nossas atenções na vertente épica, considerando que a autora contribuiu largamente para a permanência do gênero épico na contemporaneidade, tal como pontua Ramalho: “poetisa que, entre escritores e escritoras da Literatura Brasileira, foi a que maior quantidade de epopeias produziu, alcançando cerca de quatro dezenas de textos passíveis de serem estudados como epopeias” (2015, p.74).

Dentre essas várias obras épicas que a autora escreveu, analisaremos *Memorial de Rondon* (1995), investigando os aspectos épicos apresentados no texto, com destaque para a invocação épica², de modo a identificar como a inventividade se faz presente na estética da autora.

Esperamos, com este estudo, contribuir para a divulgação e a valorização da produção literária de Stella Leonardos, assim como sublinhar como, por meio de *Memorial de Rondon* (1995), a autora trouxe ao público a figura de Cândido Mariano da Silva Rondon, realizando um percurso histórico-mítico sobre sua vida e seus feitos, que se inicia com seu nascimento e chega até o auge de sua carreira humanista na Comissão das Construções de Linhas Telegráficas no interior do Brasil, especificamente no Mato Grosso. Cândido Rondon foi um grande líder de expedições desbravadoras no oeste do Brasil e fundador do Serviço de Proteção ao Índio, além de ter sido o idealizador do Parque Nacional do Xingu.

Sobre a obra *Memorial de Rondon*

Com 953 versos em redondilha maior, e algumas citações de estudiosos que acompanham o desenrolar do poema, a obra *Memorial de Rondon* constitui importante fonte histórica e cultural brasileira. Através de um memorial, ou seja, de uma narração dos feitos realizados por Rondon, Leonardos apresenta um texto de caráter antropológico, etnográfico e filológico. Além disso, a autora enfatizou credices mato-grossenses, mitos, lendas, sonoridades, vocabulário e raízes indígenas que definem as experiências vividas por Rondon. Ao reunir, em *Memorial de Rondon*, componentes que constituem o plano histórico e maravilhoso da cultura mato-grossense, Stella Leonardos materializa uma fonte de afirmação do *epos* da nação brasileira.

Narrado em terceira pessoa por um narrador heterodiegético, ou seja, um narrador observador, característica de epopeias mais clássicas, há a predominância, na obra, da instância de

² Tema de nossa pesquisa de Iniciação Científica junto à Universidade Federal de Sergipe.

enunciação narrativa em relação à instância de enunciação lírica, no entanto ambas andam juntas no poema, destacando a dupla instância de enunciação, ou seja, na obra se reconhece um discurso híbrido, característica necessária para o reconhecimento de uma epopeia. Em alguns trechos, o eu lírico/narrador se presentifica em primeira pessoa.

A obra tem como matéria épica, ou seja, temática resultante da fusão do real com o mítico, o percurso mítico-histórico de Rondon na construção das linhas telegráficas em Mato Grosso e seu convívio com tribos indígenas. O heroísmo histórico de Rondon recebe, no decorrer do poema, uma aderência mítica, que o projeta no maravilhoso. Nesse percurso, a autora descreve o convívio de Rondon com os índios silvícolas bororos, aritís e nhambiquaras, demonstrando o contato do herói com a cultura e as lendas dessas tribos indígenas. Além disso, o poema descreve os obstáculos enfrentados por Rondon e por sua comissão na construção das linhas telegráficas, atravessando o sertão desconhecido, habitado, na maior parte, por índios, enfrentando fome, doenças, mortes de seus ajudantes, entre outros. Nessa comissão, Rondon marcou seu nome na história.

Um dos aspectos que caracterizam as produções épicas é a presença da “proposição épica”, que tem como principal característica referenciar a matéria épica que será tratada no poema. É na proposição que se apresenta uma síntese do poema que se seguirá. Nela, portanto, o eu lírico/narrador explicita o teor da matéria épica de que tratará o texto. Ao estar presente, a proposição sinaliza uma intencionalidade épica mais explícita, como veremos a seguir.

Em *Memorial de Rondon*, a proposição é inserida em forma de um texto em prosa, assinado pela autora do poema que, sob a forma de um metatexto, explicita sua intenção ao criar o poema:

Acreditamos que este memorial seja contribuição à literatura de conotação etnográfico-filológica no Brasil. Partindo da ideia de que não se pode falar do índio nem do caboclo sem conhecer seu habitat e raízes, usamos neste trabalho – além do linguajar e credences matogrossenses – vários mitos e lendas. E muitas expressões dos diversos vocabulários indígenas do convívio de Rondon: bororo, arití e nhambiquara. Sem RONDÔNIA, de E. Roquette Pinto, este livro seria impossível, entre outros. E porque RONDON é herói optamos pela forma rapsódica (LEONARDOS, 1995, p.9).

Com intuito de explicitar uma síntese da obra para os leitores, Leonardos apresenta, quanto à forma e a inserção na epopeia, uma proposição não-nomeada, em destaque e em forma de prosa (RAMALHO, 2013). Escrita em forma de prosa, a proposição acentua a dimensão real da matéria épica. Assim, conseqüentemente, quanto ao centramento temático, a obra apresenta uma proposição com enfoques no plano histórico, pois, a autora partiu de um estudo antropológico, etnográfico e filológico presente no livro de Edgar Roquette Pinto, que foi resultado de observações e descrições dos índios da Serra do Norte, nos territórios atuais de Mato Grosso e Rondônia. Além disso, há o enfoque na figura do herói, uma vez que, no final da proposição, a autora traz Rondon como o herói dessa epopeia,

destacando que, como militar e sertanista mato-grossense, Rondon (1865 – 1958) foi líder de expedições desbravadoras no oeste do Brasil e fundador do serviço de Proteção ao Índio.

Em relação ao heroísmo, cabe lembrar que, como a matéria épica, na maioria das vezes, é extraída de feitos grandiosos de um herói, o heroísmo tornou-se uma das características principais para o reconhecimento de uma epopeia. O herói épico, tal como dimensionam Silva (2017), caracteriza-se por uma dupla condição existencial: a humana, necessária para a realização dos feitos históricos e a mítica, fundamental para realização dos feitos maravilhosos. Vejamos:

Sendo o sujeito épico, por suposto, um ser de existência histórica, carecendo ou não de registro documental, a condição humana lhe é um atributo natural. Mas ela só não basta para lhe conferir a condição do herói épico. Como homem, ele é apenas um ser histórico, isto é, um mero mortal sujeito à consumação histórica do tempo. Para alcançar o estatuto do herói, precisa pisar o solo do maravilhoso, ou seja, passar do plano histórico para o plano maravilhoso, provando a transfiguração mítica que, resgatando-o da consumação do tempo histórico, confere-lhe a imortalidade épica (SILVA, 2017, p. 20).

Em seu percurso histórico, Rondon vai ganhando aderência mítica, transformando-se no herói do poema. Na proposição, Leonardos já havia identificado Rondon como herói “E porque RONDON é Herói optamos pela forma rapsódica” (LEONARDOS, 1995, p. 9). Ao longo do texto, esse heroísmo vai sendo confirmado, em sua dupla condição: real e mítica.

O poema nos conta que Rondon nasceu em Mimoso³, no estado de Mato Grosso. Ele era descendente de portugueses e espanhóis pelo lado paterno e de índios pelo lado materno, mas ficou órfão de pai e mãe muito cedo e foi criado pelo tio, que era capitão da Guarda Nacional. Tempos depois, formou-se em engenheiro militar e em bacharel em Ciências Físicas, Naturais e Matemáticas em Rio de Janeiro. Depois de várias expedições para trabalhos em construção de linhas telegráficas, Rondon foi nomeado para chefiar uma comissão destinada a estender linhas telegráficas de Cuiabá a Corumbá⁴, para chegar às fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. Para isso, Rondon contou com ajuda dos índios bororos, que abriam as picadas e erguiam os postes, além do contato e convivência com várias outras tribos indígenas.

Como frutos desses percursos desbravadores, Rondon descobriu e nomeou rios, montanhas, vales e lagos, mapeando a região. Em 1906, foi encarregado pelo presidente Afonso Pena de ligar Cuiabá ao território do Acre, que tinha sido recentemente anexado ao país. Nessa expedição ele trava contato com os índios parecis e os nhambiquaras, tidos como antropófagos. No poema, o eu lírico/narrador, em primeira pessoa, destaca esse percurso heroico de Rondon, o grande desbravador,

³ Data de nascimento: 5 de maio de 1865.

⁴ Ver o artigo de Cesar Machado Domingues, citado nas referências deste artigo.

apresentando uma nova proposição, agora em forma de poema, cujo título também se refere à matéria épica. Nele se ratifica a proposta de “cantar” (“gravar”) os feitos de Rondon:

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

Gravo teu nome de evento.
Nos longes de Mato Grosso.
Numa palhoça em Mimoso,
que Cuiabá fica longe.
Cândido rompes da mata,
caboclinho de orfandade,
desafiando a morte em torno.
Pequeno, forte, teimoso
(1995, p. 15).

[...]

Gravo teu nome de advento.
Engenharias já teu sonho
de porfiar telegrafias
e unir por fios que falam
silêncios grandes do mapa.
O engenho se fez soldado
Dado ao sol, rios e matas,
Ligando céus e silvícolas,
Mariano forte, da silva.

[...]

E gravo teu nome o vento,
Rondon do morrer talvez,
Rondon do matar jamais
(1995, p. 16).

Nessa viagem, Rondon e seus homens penetram em territórios desconhecidos, aprendem as línguas indígenas, suas lendas e culturas e os defendem dos poderosos que queriam invadir as terras dos índios daquela região. Mais tarde, Rondon e sua equipe ajudarão na demarcação das terras dessas tribos. Rondon recebeu, inclusive, o título de civilizador do sertão, e o território do Guaporé passou a se chamar Rondônia, em sua homenagem. Quanto a essa capacidade heroica de adentrar ao desconhecido, como assim Rondon fez, Ramalho ressalta que

A atuação heroica, em sua mais corrente concepção, pressupunha um deslocamento espacial, uma predisposição e uma competência para atuar fora do “lar”, projetando-se no espaço desconhecido da “floresta densa”. A atuação no espaço físico desconhecido acentuava o caráter nômade e a originalidade das façanhas heroicas (RAMALHO, 2015, p. 459).

Sendo conhecido como pacificador, o herói desse poema tinha uma tese: “Matar nunca, morrer se necessário”, que foi sustentada em sua trajetória. Essa máxima se presentifica no poema em:

“MORRER, SE PRECISO FOR: MATAR, NUNCA”

[...]
Num minimíssimo exército
de bravos que desarmaste
para rearmar de bondade.
Correndo teu próprio risco.
(1995, p. 83).

[...]
Bandeirante sem violência
da missão sem catequese,
amando os índios na terra
e a eles indo fraterno,
inaugurastes uma era
(1995, p. 84).

A partir disso, quanto à forma como o heroísmo é inicialmente caracterizado na epopeia, temos, em *Memorial de Rondon* (1995), um tipo de heroísmo histórico individual, sendo o herói individual focado a partir de sua inscrição inicial no plano histórico. Neste caso, Rondon representa esse herói individual, tendo a dupla condição existencial necessárias para o reconhecimento do heroísmo épico. Ao referenciar o caráter de “missão sem catequese”, o poema, de certo modo, assinala que o expansionismo de Rondon está distanciado da ideologia de colonização que orientou os bandeirantes, personagens épicas de poemas como *O caçador de esmeraldas* (1902), de Olavo Bilac, ou *Os bandeirantes* (1906), de Batista Cepelos.

Já em relação ao percurso heroico⁵, a obra apresenta um percurso em que a figura heroica se desloca do histórico para o maravilhoso, isto é, Rondon, a partir de sua inserção no plano histórico, como um personagem real-histórico, vai ganhando aderência mítica no decorrer do poema pelos seus feitos grandiosos. No tocante à ação heroica, a obra descreve feitos bélicos e/ou políticos com a intenção de realçá-los como feitos aventureiros. Passemos, agora, à análise da divisão em cantos da epopeia.

A divisão em cantos tem como objetivo primordial amarrar os eventos que sustentam a matéria épica, pois como as epopeias são extensas, geralmente é necessário algum recurso que faça uma divisão e destaque os episódios enfocados (RAMALHO, 2013). Mas, com a evolução do gênero épico, ocorreram algumas mudanças em relação à divisão que era feita nas epopeias clássicas.

⁵ Categorias de Ramalho em *Poemas épicos: estratégias de leitura* (2013).

Alterações no título dado a essa divisão – tradicionalmente tratada como ‘canto’ ou ‘livro’ – ou até a ausência desse recurso fizeram com que novas epopeias fossem produzidas de forma criativa, sem perder, contudo, seu caráter épico.

Em *Memorial de Rondon*, não há uma divisão. No entanto, como já foi pontuado, isso não impede que se reconheça o caráter épico do poema, visto que, como ressalta Ramalho (2015, p. 159), “[...] é o reconhecimento da matéria épica somado à dupla instância de enunciação que está na base da identidade épica de um poema”. Por apresentar a fusão do plano histórico com o plano maravilhoso, a obra de Leonardos destaca sua matéria épica apresentando uma dupla instância de enunciação, narrativa e lírica. Além disso, é importante destacar que, mesmo não sendo dividido em cantos, o poema apresenta títulos que referenciam determinados acontecimentos que, mesmo de forma fragmentada, estabelecem uma sequência e uma unidade para o texto. Observemos:

RONDON E OS BORORO CACIQUES

- Benvindo, cacique Báru!
Pousai em nosso pobore.
A vossa ajuda será
de mais valia que ouro.
(LEONARDOS, 1995, p. 32).

ACALANTO BORORO

Dorme, noguaredorogo
dorme, netinha piodûdu:
já vejo os olhos da noite
se abrindo e mirando tudo.
(LEONARDOS, 1995, p. 39).

NA SERRA DOS PARECIS

Aldeia dos arití
da grande nação aruaque.
Rondon cabloco subindo
A Serra dos Parecis
o coração desarmado
imune a quaisquer ataques.
(1995, p. 65).

Outro elemento estrutural da epopeia, o plano histórico, é necessário para a elaboração da matéria épica, uma vez que materializa a dimensão real da matéria épica com a inserção dos eventos históricos no corpo da obra. Stella Leonardos fez, em *Memorial de Rondon*, uma associação direta entre a referência historiográfica e o texto literário por ela criado. Assim, Leonardos projeta um diálogo com a História Oficial do Brasil, dando ênfase à História de Mato Grosso e à criação do Estado de

Rondônia, que representa uma expansão territorial histórica brasileira, a partir de descobertas em lugares antes desconhecidos.

Sendo assim, no que se refere às fontes do plano histórico, o poema apresenta um plano histórico explicitamente referenciado (RAMALHO, 2013), pois a autora destaca as referências historiográficas e literárias que ela consultou para a criação da obra. Através de citações e relatos de estudiosos e autores literários como Edgar Roquette-Pinto, Jaguaribe Gomes de Matos, Theodore Roosevelt, Edilberto Coutinho, Mário de Andrade, Manuel Cavalcanti Proença, E. Strandelli, Carlos Drummond de Andrade, João Nepomuceno de Medeiros Mallet, A. de Miranda Bastos, J. Romão da Silva, Cândido Mariano da Silva Rondon, Luís Câmara Cascudo, entre outros, Leonardos sustenta sua produção épica na história regional e nacional brasileira.

Como foi explicitado na proposição, o livro *Rondônia* (1917), de Edgar Roquette-Pinto foi de extrema importância para a autora usar como suporte histórico para sua obra. A obra de Edgar Roquette-Pinto é dedicada a Rondon, considerado, por ele, uma figura mítica do Brasil republicano. O historiador distingue, principalmente, o sentido que Rondon atribuía à questão indígena, ou seja, como uma atribuição do Estado brasileiro, traduzida na responsabilidade da nação em tutelar e proteger o índio. Além disso, ele realizou um estudo sobre a cultura dos povos indígenas que povoavam a região de Mato Grosso. Em seu livro, Roquette-Pinto pontua que

[...] O que se fez para conhecer esse pedaço do Brasil, de 1907 até agora, vai ser, em seguida, referido, como o requer a inteligência do assunto. E vale a pena recordar de que maneira Rondon e seus companheiros, rasgando matas e semeando pousos, que serão povoações, cumpriram esse destino feliz, desbravando terras e amansando homens (1917, p. 24).

É por esse e outros relatos que Rondon ganhou a fama de civilizador do sertão e protetor dos índios. É claro que a visão de Rondon como “amansador de homens”, presente no texto de Roquette-Pinto, revela um ponto de vista ainda refém da visão colonizadora. Mas, compreendendo o local e o tempo de fala do historiador, essa visão não surpreende.

Na obra, cada poema é antecedido por uma citação explicativa da fonte e do tema que será tratado adiante, trazendo um teor histórico ao qual cada trecho do poema corresponde:

“Ele colocou no mapa um rio de 1.500 quilômetros de comprimento, cujo curso superior era ignorado por todos. O curso inferior, embora conhecido havia vários anos por alguns seringueiros, era inteiramente omitido pelos cartógrafos. Por isso o chamavam Rio da Dúvida. Sabemos agora – graças a Rondon – que é o principal afluente do Madeira, que, por sua vez, é o maior tributário do Amazonas”. Theodore Roosevelt (1995, p. 11).

“Em maio do ano seguinte, a Comissão, que na sua marcha só raramente encontrava outros civilizados, teve a alegria de receber as boas-vindas do dono da Fazenda... A Fazenda do Tabôco tivera tanto gado que os paraguaios, durante a guerra, só de uma vez tocaram mais de cinco mil cabeças”. A. de Miranda Bastos (1995, p. 52).

Essas citações, por sua vez, nos permitem inferir como os próprios pontos de vista de Leonardos sobre o tema foram sendo construídos.

Em relação à apresentação do plano histórico, temos, na obra, uma perspectiva fragmentada, pois a autora seleciona os acontecimentos mais importantes para produção de sua obra, trazendo, assim, um conteúdo especificamente histórico (RAMALHO, 2013). Nesta perspectiva, Leonardos reuniu e perpetuou múltiplas referências culturais e históricas do Brasil.

Sobre o plano maravilha, lembramos, com Ramalho (2015), que é no plano maravilhoso que se encontra a dimensão mítica da matéria épica, pois, segundo Ramalho (2015, p. 365) “o maravilhoso em uma epopeia nada mais é do que um reflexo da inegável presença do mito na experiência humano-existencial”. O poema épico *Memorial de Rondon* (1995), no que tange à fonte das imagens míticas tomadas, apresenta uma fonte mítica tradicional, isto é, quando as imagens míticas presentes na obra se originam da própria cultura. Na obra, o plano maravilhoso é situado nas lendas e mitos dos indígenas do Mato Grosso. Por meio do próprio percurso de Rondon, o poema dá realce ao contato do herói com tribos de índios bororos, nhambiquaras e aritís, apresentando a cultura de cada povo que ele conviveu.

Além disso, Leonardos, na obra, apresenta os relatos que serviram de sustentação para a produção do plano maravilhoso: J. Romão da Silva, Cândido Mariano da Silva Rondon, os padres A. Colbachini e C. Albisetti, João Barbosa de Faria e Edgar Roquette Pinto, entre outros. Eis um exemplo desse repertório mítico, que flagra o encontro de Rondon com a natureza desconhecida e maravilhosa:

IMEDUROGO

Rondon abre os olhos vagos.
No brinquedo do canado
alegres imedruço
em torno de uma canoa
desenham bichos na areia
– estranhos pássaros-ô,
Adugo, curugo, juco,
Papagaios cra-cra-cra
(1995, p. 37).

Esse trecho refere-se às lendas dos *boe*, coligidas pelos padres A. Colbachini e C. Albisetti, que relatam um dos mitos dos bororos. Os adugo, curugo e junco são, respectivamente, onças, preás e macacos, personagens da lenda sobre a origem do fogo. Nesse trecho também é possível identificar o mito do menino bororo (cra-cra-cra) guloso e desobediente que comeu frutos de mangaba (batoí) diretamente do fogo e queimou a garganta, virando papagaio. Além dessas, várias outras lendas e mitos são descritos no decorrer do poema, tais como a lenda bororo da origem das estrelas, o mito

bororo dos bárojeradugo (índios errantes), a lenda do Jorígui Otojino, a lenda arití da origem dos homens e a lenda da mandioca, entre outras.

Rondon, em seu percurso, ouvia e aprendia essas lendas e mitos das tribos indígenas com as quais ele manteve contato, o que contribuiu para uma vasta produção de relatos atribuídos a ele, como se vê em:

Rondon e as “Bacarúe”

— Cáuo, Bacáuo.
Me conta bacáru.
— Imedúia, escuta bem:
se a noite se pintar toda
do jenipapo do luto,
ou o dia soltar nevoeiro,
gente bárojeradugo
pode vir, gente traidora,
roubando os nêgue-cogure,
adoidando nossa gente
(1995, p. 43).

— Cáuo, Bacáuo.
Me ensina bacáuo
[...]
— Cáuo, Bacáuo.
Aprendo bacáru.
[...]
— Cáuo Bacáuo.
Guardei a bacáru
(1995, p. 44-45).

Nesses trechos, o poema descreve um diálogo de Rondon com índios bororos em que o herói solicita que o contador de histórias (bacáuo) conte-lhe mitos, histórias, fatos e tradições indígenas (bacáru). Além disso, o eu lírico/narrador descreve danças e músicas populares do mato Grosso, o que faz com que torne o poema mais musical, já que a métrica da redondilha maior dá uma maior vantagem para esse tipo de produção.

A grandiosidade nos feitos de Rondon fez com que, ao decorrer do poema, ele fosse ganhando uma imagem mítica, contribuindo para a formação do herói épico e para a própria consolidação da matéria épica do poema. Extraíndo imagens míticas (plano maravilhoso) da realidade sociocultural de uma região (plano histórico), Leonardos produz, assim, um poema épico de alta inventividade.

Segundo Ramalho (2015), encontra-se no plano literário a intervenção criadora do/a poeta. O estudo desse plano envolve reflexões sobre a inventividade do autor/a e a maneira como, literariamente, ele/a desenvolveu alguns elementos épicos, tais como a matéria épica, a dupla

instância de enunciação, entre outros. Ao observarmos a representação da obra, no seu processo criativo, compreendemos melhor como se deu o plano literário.

No que concerne ao reconhecimento do lugar da fala autoral, no plano literário, a obra apresenta uma voz alienada, visto que a autora tem como objetivo primordial apresentar o percurso heroico de Rondon e seu convívio com tribos indígenas nessa caminhada, sem entrar no âmbito de questionamento críticos. Não há intenção, portanto, de apresentar um poema engajado, ou seja, um poema que demonstra uma visão crítica em relação a aspectos socio-históricos.

Em relação ao uso da linguagem, em *Memorial de Rondon*, temos um uso predominantemente narrativo com traços de oralidade, que se fazem presentes, por exemplo, na estrutura dialógica que é encontrada em várias partes do poema. Além disso, a autora apresenta o linguajar ou a fala dos indígenas, trazendo para o poema registros dessa oralidade. Observemos:

RONDON E OS BORORO CACIQUES

[...]
— Tabaguro care xéji:
Que pedes, Pague-Megêra?
— Trabalho de irmãos bororo.
— Terás imedugue todos.
— Teremos de cortar árvores
Erguer postes altos.
— Caba jirê? Xe boêre?
— Estes postes ouvem fala:
vão levar longe a linguagem
do coração, noite e dia.
— Pra que tanto poste mágico?
— Tabaguro care xéji:
Grande mágica faremos,
pamadúia: boa mágica
(1995, p. 33-34).

Em sua saga, Rondon teve o auxílio de vários povos indígenas. Nesse diálogo, por exemplo, o poema apresenta um diálogo entre Rondon e os índios bororos, em que os índios dão boas-vindas a Rondon, disponibilizando ajuda para os trabalhos que o herói estava realizando. Assim, Rondon solicita que os bororos os ajudem – a ele e à sua Comissão – a cortarem árvores e a erguerem postes.

Para a análise do plano literário, são levados em considerações aspectos como a concepção da proposição épica; a concepção da invocação épica; a presença ou não da divisão em cantos e o modo como ela se dá; o reconhecimento do lugar da fala autoral; a inserção dos eventos históricos em uma epopeia; a concepção do plano maravilhoso; o uso da linguagem e o heroísmo épico. A partir disso, é nítido que a obra de Leonardos possui um alto nível de inventividade e originalidade.

Passaremos agora à análise da invocação épica, objetivo central de nossa pesquisa de Iniciação Científica.

A invocação épica em *Memorial de Rondon*

A invocação épica é uma das figuras de retórica que consiste na interpelação, no chamamento de uma divindade ou de um outro ser. É na invocação que o/a poeta épico/a se dirige a esse ser com o intuito de lhe solicitar a inspiração e o auxílio necessários à elaboração do poema, por se tratar de um empreendimento cuja grandiosidade supera as suas próprias capacidades, pois “invocando a musa, registra o poeta seu pedido de inspiração, amparo, energia e clareza, para que o resultado seja adequado à matéria épica enfocada” (RAMALHO, 2015, p. 127).

A obra *Memorial de Rondon* apresenta uma invocação bastante peculiar, pois a autora transforma o chamamento clássico às Musas em chamamento a seres da mitologia indígena, o que traduz a inventividade do plano literário do poema. Antes de iniciar a invocação propriamente dita, Leonardos utiliza, como fez em toda a sua obra, citações de autores que encaminham para o teor da invocação:

“A Ursa Maior é Macunaíma”.

Mário de Andrade

“Arandu transpôs a serra e desceu do lado do mar. Mas volta”.

M. Cavalcanti Proença

“Kerepiyua, Kerpiyua, Kerpi-manha – A mãe, a origem do sonho”

E. Stradelli

(1995, p. 12)

Assim, Leonardos apresenta trechos de obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Manuscrito Holandês ou A peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*, de Manuel Cavalcanti Proença e *Vocabulário da Língua Geral*, de Ermano Stradelli, definindo, com isso, outros referentes que integram o plano da intertextualidade da obra. A presença dessas três referências ratifica a própria intencionalidade que sustentou a criação de *Memorial de Rondon*.

Macunaíma, livro de Mário de Andrade publicado em 1928, é uma rapsódia sobre a formação do Brasil, em que vários elementos nacionais se cruzam numa narrativa indígena que conta a história de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Sendo rapsódia, assim como Leonardos classifica sua obra, a obra de Mário de Andrade faz uma colagem das lendas, mitos, tradições, religiões, falares, hábitos, comidas, lugares, fauna e flora do Brasil. Já a obra de Manuel Cavalcanti Proença trata das sagas de um herói índio – Mitavaí Arandu (em tupi, aproximadamente, Menino-Feio, Sábio), narradas por um papagaio jurueba que o Sr. H. Richter teve com ele por muitos anos em uma ilha deserta. Em relação à Kerpi-manha, a mãe do sonho, trata de uma lenda Tupi, descrita por Stradelli em seu livro, de uma velha que desce do céu, mandada por Tupana, e que entra no coração das pessoas, enquanto a alma sai vagando pelo mundo, e depois ela volta quando o corpo acorda. Então a alma, de volta,

encontra no coração o recado de Tupana, esquecendo tudo o quanto viu durante a viagem da alma. A grande genialidade de Leonardos foi conseguir unir, na invocação, esses seres míticos em uma narrativa coesa e intertextual.

Reunindo essas citações de obras referentes à mitologia indígena, Leonardos realiza uma invocação pagã, ou seja, quando os destinatários do chamamento são figuras de mitologias não-judaicas, neste caso, figuras da mitologia indígena: Macunaíma, Mitavaí Arandú e Kerpi-manha. Assim, temos:

JÁ QUE VOU CANTAR RONDON

Macunaíma: me atende,
Tapanhuna constelado!
Te peço, Macunaíma:
de tua oca lá de cima
mostra o riso ensacizado.
Mas me empresta mão de estrelas
que dê mancheia de lendas,
acenda atalhos de cisma,
de força e vida.

— Escuta, Mitavaí,
da igarité do Irovi
do cururu flor de lima!
Mitavaí Arandú
do morro onde atrás tem morro,
meu bravo-atê de alta estima:
me traz teu lirismo açu
ar de graça, estrela e cima.
Na força viva.

— Kerpimanha, mãe-do-sonho,
messageira de Tupana!
Desde do céu, Kerpimanha,
rondante eterna do sono.
Assoma, velha, das sombras,
embrenha em meu coração
e me faz rever Rondon
mais que num puro entressonho.
Com força e ao vivo
(1995, p. 12-13).

Através da invocação também já se sabe, portanto, de que matéria épica se tratará no poema. Pois, A Macunaíma, o eu lírico/narrador solicita auxílio para apresentar o plano maravilhoso: [...] me empresta mão de estrelas/ que dê mancheia de lendas (1995, p. 12). Já Mitavaí Arandú, é chamado para ajudar a trazer o lirismo para a narrativa: “me traz teu lirismo açu/ ar de graça, estrela e cima” (1995, p. 13). Por fim, a invocação a Kerpi-manha, a mãe do sonho, serve para pedir auxílio na elaboração do plano histórico e para apresentar a figura do herói: “Kerpimanha, mãe-do-sonho,/

mensageira de Tupanal/ embrenha em meu coração/ e me faz rever Rondon/ mais que num puro entressonho/ com força e ao vivo” (1995, p. 13). Nessa fusão entre o plano histórico e o maravilhoso, a autora apresenta a matéria épica, além de confirmar a intenção épica.

Quanto ao posicionamento, a obra apresenta uma invocação reincidente, pois o chamamento aos destinatários vai sendo repetido no decorrer do poema, “como se a voz épica necessitasse, a cada momento, beber da sua fonte de inspiração” (RAMALHO, 2015, p. 130). A partir da invocação realizada no início do poema, o eu-lírico/narrador, em outra parte do texto, faz outro chamamento para reforçar seu pedido:

ENTRE “BACÁRU”, “KÁIUINÁ” E “HAGUEDAZU”

Pudesse, Rondon dos índios
ordenar meu verbo errante
e unir índios erradios,
dos que achaste nas andanças:
— Trazei-me cantos indígenas
que o cantem num grande canto!
(1995, p. 87).

Referente ao conteúdo da invocação, temos, em *Memorial de Rondon* (1995), uma invocação metatextual, já que ocorreu um centramento no fazer poético; e convocatória, no que alude à desejada presença dos destinatários da invocação na trajetória épica que se escreve. Assim, com a evolução do gênero épico, a invocação também evoluiu, sendo nítida essa evolução na obra de Leonardos. Apesar de ser uma invocação pagã, como era tradicional na épica clássica, Leonardos transpôs a mitologia Greco-latina para a mitologia indígena, dando destaque à cultura brasileira, fornecendo uma maior significação e representatividade para a invocação.

Ainda que o gênero épico tenha passado por várias transformações ao longo do tempo, desde a antiguidade até a Pós-Modernidade, a epopeia ocidental, independentemente da época em que foi escrita, quase sempre guarda laços com a tradição épica iniciada por Homero e renovada por clássicos como Virgílio e Camões, por exemplo. O registro dessa presença, na forma de referência e mesmo de diálogos explícitos com obras e autores clássicos, costuma ser contemplado como anacronismo, no sentido de aproximação de temporalidades distintas, que cria desvios de sentido e/ou incoerências de visões de mundo. Sobre essa questão, Ramalho saliente:

Sobre o anacronismo, é importante observar as palavras de Aravamudan, quando afirma que: “*Any analysis of anachronism, whether of event or of period, has to take into account the function of dating that makes such discernments possible*” (2001, p. 334). Essa observação do crítico é fundamental quando trabalhamos com obras antigas que dialogam com outras ainda mais remotas no tempo histórico da Literatura Ocidental. Por exemplo, como avaliar que acesso teria um Padre José de Anchieta à épica clássica? Em que fonte ou versão teria bebido suas influências? Assim, quando nos baseamos em uma versão mais ou

menos atual, por exemplo, de epopeias homéricas para entendermos as heranças que se percebem em obras muito posteriores a Homero, na verdade, temos que considerar que nossa visão sobre essa herança está sustentada em um corpus comparativo que não é o mesmo do poeta épico que estamos tratando como “herdeiro” da tradição homérica (2017, p. 360).

Tendo em vista esses aspectos, quando se observam aspectos anacrônicos dentro de uma obra literária, pode-se chegar a diferentes anacronismos, tal como propõe a pesquisa desenvolvida pelo *Programme Anachronismes porteurs*, do *Centre de Recherches sur les Littératures et la Sociopoétique - CELIS*⁶: o anacronismo que integra representações equivocadas do passado; o anacronismo que elide temporalidades distintas, aproximando referentes; o anacronismo como emulação criativa; e o anacronismo como um código “retro” intencional (RAMALHO, 2017). Segundo Ramalho, e partir dessas categorias, a presença do anacronismo deve ser investigada a partir do movimento de se confrontarem as temporalidades em questão:

[...] a temporalidade será atualizada quando lida a partir da relação entre o tempo daquilo que está sendo referenciado e o tempo em que a própria manifestação discursiva se insere. E da análise dessa relação é que se poderá afirmar algo sobre o tipo de anacronismo que se pode reconhecer (2017, p. 360).

Nesse sentido, Stella Leonardos traz, em suas obras, uma rica produção no registro de fontes e na citação de referências clássicas, trabalhando sempre de forma inventiva em relação às matérias épicas que elege. A partir de romanceiros, cancioneiros e rapsódias, torna-se evidente, nas obras de Leonardos, alusões a modelos clássicos e medievais, além da utilização da linguagem popular, muito presente na obra aqui analisada, aproximando de epopeias homéricas. Essa aproximação, entretanto, é literariamente elaborada pela autora de modo que torne sua epopeia inventiva, conservando e modificando aspectos épicos clássicos. Assim, a autora apropria-se dessa vasta produção da tradição clássica legada pela épica ocidental, sem, contudo, abrir mão de sua inventividade, pois ela encontra em produções anteriores o instrumento necessário para dizer algo de seu tempo, com toda a evolução sofrida pelo gênero épico. É dessa análise da relação entre o tempo daquilo que está sendo referenciado e o tempo em que a própria manifestação discursiva se insere que poderemos identificar tipo de anacronismo presente em *Memorial de Rondon*.

O que se pode observar nas invocações presentes em *Memorial de Rondon* (1995) é um caso claro de anacronismo por emulação épica, pois Leonardos revela, pela própria presença da invocação, uma alusão à epopeia clássica, mas, entretanto, produziu sua obra com um alto nível de originalidade e inventividade literária, substituindo o paganismo grego pelo paganismo indígena. Temos, assim, uma invocação pagã, assemelhando-se às epopeias clássicas, que, por sua vez, essa invocação possui

⁶ Visitar o site <http://celis.uca.fr/spip.php?article51>.

destinatários próprios, uma vez que o poema não invoca as musas, mas sim seres da mitologia indígena brasileira, buscando retratar uma maior brasilidade a sua obra.

A inventividade épica de Stella Leonardos, cabe dizer, se faz notar não somente pela invocação, como também pelo conjunto da obra, demonstrando intervenções criativas próprias de uma geração de poetas épicos capazes de fazerem surgir uma nova remessa de obras com alto teor de originalidade, tornando o anacronismo um recurso para se alcançar uma identidade estética própria.

Conclusão

Com expressivos traços de inventividade e de apropriação dos traços culturais indígenas brasileiros, *Memorial de Rondon*, ainda que não invista em questionamentos críticos relacionados ao tratamento dado aos indígenas brasileiros, traz à luz, de forma épica, a figura heroica de Cândido Rondon e nos faz visitar a trajetória de um dos principais nomes da História do Brasil quando se coloca em pauta o extrato indígena da cultura nacional.

Criando, por meio da inventividade que caracteriza seu plano literário, e de que é exemplo o uso da invocação épica, Stella Leonardos inscreve sua obra no percurso épico brasileiro e ratifica a importância da revisitação que a poesia épica contemporânea faz do próprio sentido de História e Mito.

Referências

DOMINGUES, Cesar Machado. A Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. In: **Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUH Rio**, 2010, p. 1-24. Disponível em: http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/07/1273879829_ARQUIVO_RondonANPUHCesarMachado.pdf . Acesso em 20 de abril de 2019.

LEONARDOS, Stella. **Memorial de Rondon**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995.

RAMALHO, Christina. A herança clássica nas epopeias brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. In: COELHO, Amós (Org). **As fronteiras da antiguidade clássica e cultura oriental: imanências**. Rio de Janeiro: Metáfora, 2017, p. 350-371.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes o cabo-verdiano: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: ArtNet comunicação, Infographics, 2015.

RAMALHO, Christina. Sobre a invocação épica. In: **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Língua em uso no 47, 2013, p. 373-391.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Rondônia*. Vol 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:roquette-pinto-1917-rondonia>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação épica da literatura brasileira**. 2° ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.